

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•
Neste número

Práticas Artísticas na Modernidade

*Um Encontro sobre
Antropologia das Artes*

Vol. 11
1993

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MARROCOS TURISTAS, INDÍGENAS E ANTROPÓLOGOS

Maria dos Anjos Carneira da Silva

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas · Universidade Nova de Lisboa

Resumo: Mais do que referir os efeitos do turismo sobre um meio urbano tradicional muçulmano pretende-se mostrar como as características intrínsecas de permeabilidade selectiva do tecido da *medina*, reforçadas pelo urbanismo colonialista francês, em Marrocos permitem a perpetuação dos esteriótipos orientalistas, das imagens de exotismo e secretismo suficientemente domesticado. Essa adequação do modelo urbano tradicional aos propósitos do turismo como prática moderna será demonstrada através de sete pontos fundamentais.

Palavras-chave: Marrocos; Turismo; Antropologia; Esteriόtipos; Orientalismo; Espaço urbano; Medina.

A reflexão que constitui esta comunicação foi inicialmente desencadeada por uma angústia ingénuo (outras mais graves surgiram depois), que me perturbava numa primeira etapa, já muito recuada, do meu trabalho de campo em Marrocos. Frequentemente assediada por guias e pedintes, atormentava-me a ideia de que a distância entre o antropόlogo e o turista pudesse ser muito menor do que eu supunha. Enervava-me num snobismo típico de antropόlogo, que o indίgena nāo percebesse que eu estava ali de maneira diferente, muito mais do lado dele, muito mais interessada no seu modo de vida, solidária contra os

malefícios e artifícios da indústria turística, e, por isso, exigindo a reciprocidade clássica do objecto antropológico. Essa é uma angústia que já não me impede de dormir, mas que me levou a observar o modo como os turistas se movem no espaço da medina – de início, é provável, para descobrir como não me devia comportar, e encontrar comportamentos que me distinguissem deles e me devolvessem a dignidade do miradoiro do antropólogo. Foi, suponho eu, essa atitude (que me obrigava a incorporar os estrangeiros na realidade social que ia observar) que – embora por estratégias egocêntricas ou narcísicas – me acabou por posicionar, mais coerentemente como antropóloga e a distanciar-me, então sim do turista tipo e dos seus comentários puristas sobre a realidade que visitam. Comecei a perceber-me que a partir de então, os diapositivos que recolhia para as minhas aulas já não escolhiam tão meticulosamente os momentos em que ninguém ia a passar à frente dos monumentos, e que alternavam os zooms de pormenor com as perspectivas dinâmicas de conjunto.

Comecemos por onde comecei, empiricamente, pela observação de comportamento dos turistas no espaço tradicional urbano marroquino, e com o modo como esse espaço os recebe. Antes de mais, é preciso dizer do que falamos, quando falamos de turistas. Falamos é claro de um estereotipo, anónimo no turismo de massa. Fazer turismo hoje, não tem, evidentemente, nada que ver com a atitude de procura individual da viagem romântica. A própria ideia de viagem com o que isso implica de movimento continuado, mais ou menos prolongado e sujeito às imponderabilidades dos espaços que não são os nossos é, na maioria dos casos, anulado no facto de fazer turismo. O tipo de turista a que nos referimos de modo simplista — o dos packages e programas organizados — apresenta, no outro extremo de concepção de viagem, não a procura, mas a fuga. A fuga não no sentido angustiado e existencialista, mas no sentido limitado e controlado da alternância. O escape, ao ritmo de trabalho, ao stress a uma moralidade controlada e à responsabilidade quotidiana. Num certo sentido, a moderna maneira de viajar responde positivamente a comportamentos de regressão: o turista é lançado num mundo diferente, com tudo o que isso pode trazer de insegurança, mas superprotegido por um programa que anula o risco de imprevisto e confortado por uma disciplina quiçá mais rigorosa do que a que experimenta no seu dia-a-dia.

É obvio que há muitos outros tipos de turista. Mas também é provável que qualquer tentativa de tipologia corra o risco de nos aproximar das catalogações básicas dos esquemas de marketing de uma qualquer indústria hoteleira. No entanto, uma categoria segura e numerosa é constituída por aqueles que recusam esta designação, interpretando-a negativamente, como um rótulo mais geral par satisfazer tolos que se satisfazem com experiências pouco autênticas. Nesse saco seguem muitos antropólogos perdidos nas suas leituras emocionais da realidade, sobretudo aqueles que, nas suas monografias, mantêm o silêncio sobre

os turistas que visitam as “suas” comunidades. Mas, sobre esse assunto veja-se o excelente artigo de Malcom Crick – “Representations of international tourism in the social sciences” para evitar que nos percamos.

Uma sub-categoria dentro deste segundo grupo – e é óbvio, repito, que se trata de uma tipologia grosseira e muito determinada pelos turistas habituais em Marrocos – é constituída por aqueles que, eventualmente mais conscientes, ou assumindo mais explicitamente o simulacro – vivem em Marrocos, não apenas a experiência do contacto com o outro (que pode, e assume, frequentemente a forma sexual), mas uma experiência enriquecida por uma ambiência que evoca períodos mitificados romântica e eroticamente.

A cada um destes grupos Marrocos oferece o produto perfeito: aos primeiros um pacote bem definido que alterna o simulacro do exótico com o reencontro com o eu nos quartos confortáveis do hotel. Aos segundos a hospitalidade, que diz Boudhiba (*People's Bank Econ. Rev.*), de modo talvez demasiado radical, é apenas uma outra técnica de venda. Aos terceiros, a nostalgia do colonialismo no seu esplendor e prepotência, Marrocos dos retratos dos Orientalistas. Para todos, mesmo para os antropólogos, o chamamento encantatório do slogan turístico perfeito: *tão perto e tão diferente*.

É sobretudo ao princípio duplo de desejo de alternância e de superprotecção experimentado mais evidentemente pelo primeiro turista tipo, que as cidades marroquinas, as assim chamadas *ciudades imperiais*, respondem, naturalmente, melhor do que qualquer cenário turístico montado.

A política francesa colonial de Lyautey, separou convenientemente o Marrocos a que chamou, romanticamente, de *Maroc Profond* do *Maroc Moderne*. Justificada por uma posição purista de manutenção dos valores tradicionais – cujas motivações políticas reais não precisam mais de ser esclarecidas – essa separação, que se desmultiplicou depois em variadíssimas (e ainda por resolver) segregações, traduziu-se, em termos de organização urbana, pela construção de cidades novas, francesas, com seu traçado viril, rectilíneo, aberto em grandes avenidas, perifericamente aos núcleos seculares labirínticos e sinuosos das medinas. Os cotovelos das grandes portas das cidades muçulmanas, que se fechavam de noite funcionando como primeiro mecanismo de preservação contra os intrusos, foram, no entanto, automaticamente destruídos. Contudo, essa política permitiu que em termos de traçado (sublinhe-se, em termos de traçado urbano), as características das medinas se mantivessem. Essa preservação, e as características intrínsecas ao modelo urbano muçulmano adaptado, pelos séculos a acolher e expulsar estrangeiros, adequam-se, perfeitamente, aos propósitos e fluxos turísticos. Resumiremos essa adequação em alguns pontos fundamentais ilustrados com alguns diapositivos dos percursos.

Todas as medinas apresentam uma grande definição face ao espaço exterior, reafirmada pelo processo colonial já referido. Isso traduz-se na existência

de muralhas. Se elas serviam, anteriormente, para afirmar a inexpugnabilidade das populações urbanas face ao mundo rural e nómada envolvente, durante o protectorado, e, hoje, face aos turistas, transformaram a medina no corpo físico da tradição domesticada, do espaço a visitar. O espaço (e o tempo) da aventura e do risco é bem delimitado. De dia vai-se para a medina, de noite regressa-se ao conforto ocidental. O desejo de alternância pode ser satisfeito mantendo um pé na segurança do continente de origem. Aos que revivem a nostalgia do colonialismo oferece-se a dicotomia dos dois mundos separados, com reminiscências estéticas do romantismo a evocá-lo nas partes mais antigas da cidade nova, ainda com os antigos cafés das tertúlias de escritores e artistas, como o café de Paris em Tanger. Para esses, os percursos ultrapassam as muralhas, desenhando itinerários deambulantes entre os sítios mais degradados, os *basfonds*, e os sítios mais sofisticados de exploração turística do orientalismo, com alguma paragens nas livrarias recheadas de produção francesa sobre o tema.

É também comum ao modelo urbano tradicional a existência de espaços periféricos de encontro com o estrangeiro rural, comerciante, caravaneiro. São os espaços dos *suqs* e dos mercados extramuros, onde se reúnem contadores de histórias, *tabibs* e dentistas. É o caso da *Djema Al Fna*. Em Marrakech a praça, figura urbana inexistente no seio da medina, outrora palco do encontro entre as populações nómadas do deserto e das montanhas com a população urbana da cidade, é hoje o espaço do simulacro, é verdade, mas continua a preencher a sua função de sala de visitas, periférica, cuidada, protegendo a intimidade da medina, e o seu secretismo, permitindo ao estrangeiro continuar a projectar no seu interior, um mundo maravilhoso e estático, porque, de facto nunca chega a conhecê-lo. Assim: o espaço para o sonho e simulacro, continua em aberto, alimentado pela fachada exuberante das periferias.

As cidades árabes/muçulmanas sujeitam-se a uma orientação primordial cardeal ou referenciada por outros polos urbanos. Essa orientação traduz-se na existência de grandes portas de acesso à medina e que tomam os nomes dos pontos cardeais que indicam ou das direcções das cidades que designam. É fácil perceber que essas portas, que antigamente eram fechadas de noite, são ao mesmo tempo mecanismos de selecção e de expulsão, sobretudo se tivermos em conta que elas balizam eixos de ruas mais amplas que permitem a circulação mas não o estabelecimento – dos transeuntes, ao mesmo tempo que apontam o caminho de saída. É sobre esses eixos que se encontram a maior parte das lojas – ao interior das quais nem os antigos fornecedores e clientes, nem os actuais turistas têm acesso. O espaço permitido ao turista (ao estrangeiro) em geral, é um espaço de passagem, de circulação, sem praças, sem lugares ou estruturas que convidem ao repouso e contemplação tranquila. O itinerário do turista é, assim, determinado pela própria medina que lhe indica, através do seu traçado, o caminho a seguir que, no fundo, é o mesmo que permitia, ancestralmente, a qualquer estrangeiro.

A forte demarcação dos espaços sagrados e profanos tipicamente islâmica das cidades mantem-se também, continuando a ser recusado o acesso às mesquitas e aos marabutos aos não muçulmanos, e sendo o estrangeiro, automaticamente, assimilado a um não muçulmano, as zonas *haram*, continuam a ser preservadas. O estrangeiro é, assim, remetido para a exclusividade do espaço do profano e seus percursos particulares, não penetrando na intimidade religiosa.

A estruturação com base num polo religioso central para o qual se dirige, em geral, a rua principal é quase universal nas cidades muçulmanas. Esse polo, em geral a Grande Mesquita, funciona hoje como foco de interesse turístico – embora a visita só seja permitida nos raros casos de desactivação – pelo que todos os itinerários para ele convergem (caso da Cairouin, por exemplo em Fez). Os espaços de maior circulação mantêm-se, portanto, os mesmos.

Também a distribuição típica da zona comercial (bazars) nas zona periféricas à Grande Mesquita, concentra e delimita o interesse turístico (visitas e compras) no coração da medina perpetuando as áreas mais movimentadas.

Mantem-se também a forte demarcação entre zona pública e zona privada residencial, que se faz por anéis progressivos de estratagemas para assegurar a privacidade: a dimensão das ruas diminui obrigando o corpo a dobrar-se cada vez mais, as portas, cotovelos e arcos multiplicam-se, os becos fecham acessos, as ruas despovoam-se, as construções públicas desaparecem deixando de oferecer pontos de orientação a um ocidental que facilmente se perde em espaços cada vez mais sinuosos e circulares, portanto sem ângulos que, em geral, são as suas referências preferenciais.

Os pontos apresentados até agora dizem respeito à medina como um todo. Mas existe uma outra característica sua que repete cada um deles no seu interior, já que ela é composta de unidades celulares que tendem a reproduzir nos bairros a sua estrutura de conjunto. Por outro lado a existência comum de diversos focos religiosos importantes, logo também de mais do que um foco de interesse turístico, multiplica os itinerários possíveis, embora eles sejam de facto, quase sempre limitados e apresentem estruturas muito semelhantes. Esta possibilidade permite situações de duplo simulacro, esses verdadeiramente caricatos ilustrados pela seguinte prática: a policia marroquina começou, há algum tempo a exercer um controle rigoroso sobre “os falsos guias”, entenda-se os guias não-oficiais. Para escapar aos circuitos onde corriam o risco de encontrar agentes e guias autorizados, esses falsos guias criaram falsos percursos em que substituíam a Cairouin por outra qualquer das centenas de mesquitas de Fez e Moulay Idriss por outro marabuto igualmente bonito sem que os turistas se apercebessem do equívoco e fossem igualmente maravilhados para casa.

Resumindo: os fortes mecanismos de selecção face ao estrangeiro, típicos do modelo urbano das medinas, que se multiplicam na zona residencial, o seu traçado que facilita a travessia mas não o estacionamento de intrusos,

mantêm-se na sua eficácia, para o fluxo dos turistas. Estes mecanismos acabam mesmo por ser reactivados em contacto com os novos forasteiros. Paradoxalmente, as medinas de traçado mais típico, no sentido daquelas que seguem mais de perto o modelo estruturante das cidades muçulmanas, e que, eventualmente por isso, são também as mais turísticas, anteriores oposições, agora exacerbadas face ao turista. Cidades como Marrakesh ou Fez, têm, na verdade um turismo periférico que se confina à *Djema Al Fna* ou aos grandes eixos das *Ksairias*.

O turista tipo confina-se, pois, a percursos bem determinados que correspondem, na maioria dos casos, aos antigos espaços de livre circulação de outros estrangeiros. Mesmo quando não é a própria medina que o dirige, são os guias – cuja tarefa é facilitada e alimentada pelas características aparentemente ameaçadoras da medina, e que eles próprios exageram, para mostrar o carácter imprescindível da sua presença. Também os habitantes da medina conhecem bem as áreas que esta reserva aos estrangeiros e sobretudo as crianças, reenviam-nos prontamente para o seu espaço próprio, reproduzindo, por vezes, antigas práticas lúdicas de afastamento de estranhos do seu bairro.

Tudo isto, entenda-se, não pretende significar que houve uma adaptação harmoniosa de um espaço, e, da realidade social que sustenta, a uma nova situação. É óbvio que os efeitos do turismo são profundos, e em muitos casos desestabilizadores. Mas não era disso que queria falar. O que acontece, de facto, é que esta aparente adequação do espaço urbano tradicional à modernidade do turismo é feita de um modo que permite a perpetuação de uma representação, de um modelo pré-existente de medina para o imaginário ocidental, porque, justamente, exagera as suas características mais óbvias de segregação e secretismo. A imagem que se colhe, é a do anacronismo e da estagnação, do espaço do exotismo e da diferença controlada e, por isso, não ameaçadora. Reproduzem-se os mecanismos de representação orientalista e colonialista. Mas, na verdade, ultrapassar os limites que a cidade antiga desenha no chão é arriscar-se a quebrar o encanto e subverter o simulacro.

Para o fazer, e para chegar a uma qualquer antropologia do turismo – que não é o que faço aqui, mas que gostaria de ver feita – que melhor permita compreender os verdadeiros efeitos de todo o processo, é necessária a criação mais fina de tipologias que permitam o esclarecimento das representações recíprocas que envolvem o diálogo, muitas vezes cínico, entre turistas, indígenas e antropólogos.

Bibliografía

- Boudhiba, A. (?) Mass Tourism and Cultural Traditions. Peoples Bank Econ. Rev. (Sri Lanka). August: 27-29.
- Crick, M. 1989. Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, Sex, Sights, Savings, and Servility. *Annu. Rev. Anthropol.*, 18: 307-44.
- Rabinow, P. 1977. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Berkeley, University of California Press.